

repertório da

SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE AUTORES

SPA

A MANTILHA DE BEATRIZ

Carlos Wallenstein



REPERTÓRIO DA SOCIEDADE DE ESCRITORES
E COMPOSITORES TEATRAIS PORTUGUESES

A MANTILHA
DE BEATRIZ

FARSA EM 3 ACTOS DE
CARLOS WALLENSTEIN

SOBRE O ROMANCE DE
MANUEL PINHEIRO CHAGAS



LISBOA — 1973

Esta farsa foi representada pela primeira vez pela Companhia do Teatro Popular de Lisboa, em 24 de Julho de 1962, numa encenação do seu director, Pedro Bom, com cenários de Mário Alberto, figurinos de Andrade e Silva, direcção de pantomimas de António Almor e a seguinte distribuição das personagens:

D. ALVARO DE MASCARENHAS Fidalgo do Conselho de El-Rei D. Afonso VI	AUGUSTO DE FIGUEIREDO
FRANCISCO DE MENDONÇA Fidalgo transmontano	ANTÓNIO TEIXEIRA
LUIS DE MENEZES ALCOFORADO Fidalgo alentejano	CANTO E CASTRO
D. BEATRIZ DE MASCARENHAS Filha de D. Alvaro	LÍGIA TELES
D. CLARA DE PORTUGAL Irmã de:	FERNANDA ALVES
D. ESTÉVÃO DE PORTUGAL Fidalgo	ANDRADE E SILVA
D. AFONSO VI Rei de Portugal	VASCO DE LIMA COUTO
INÊS Aia de D. Beatriz	MARIA JOSÉ
LEONOR Criada de D. Clara	GRECE DE CASTRO
D. VIOLANTE Tia de D. Clara, paralítica	CÂNDIDA DE LACERDA
LEONARDO Criado de D. Alvaro, muito estilizado e digno de seu amo	CARLOS CESAR

GONÇALO

Criado de Francisco de Mendonça

UM CARTEIRO

1.º HOMEM EMBUÇADO

2.º HOMEM EMBUÇADO

3.º HOMEM EMBUÇADO

ANTONIO

ANJOS

M. SARGEDAS

A. VIEIRA

V. RIBEIRO

M. DE OLIVEIRA

UM CRIADOR DE CAES, SICARIOS, EMBUÇADOS
E ACOMPANHANTES DE EL-REI

ACTO I

1.º	Quadro	— CAMPO	
2.º	»	— TAVOLAGEM A E.	9
3.º	»	— ESTALAGEM A D.	16
4.º	»	— TERREIRO DO PAÇO	21
5.º	»	— ESTALAGEM A D.	23
6.º	»	— PORTA DE D. ALVARO A E.	26
7.º	»	— RUA	30
8.º	»	— CASA DE D. ALVARO	34

ACTO II

9.º	Quadro	— ESTALAGEM A D.	49
10.º	»	— CASA DE CLARA A E.	58
11.º	»	— RUA	63
12.º	»	— PORTA DE D. ALVARO	64
13.º	»	— CASA DE D. ALVARO	65
14.º	»	— FINAL — PORTA DE D. ALVARO	84

ACTO III

15.º	Quadro	— CORTINAS E LUZ	87
16.º	»	— CAMPO	94
17.º	»	— CASA DE CLARA	102
18.º	»	— CASA DE BEATRIZ	104
19.º	»	— CORTINAS E LUZ	106
20.º	»	— RUA	110

FINAL DE APOTEOSE

ACTO I

Um descampado. Noite de luar. Música. Cortinas corridas. Quando sobe o pano, grande movimento de personagens embuçados. Passam El-Rei D. Afonso VI e o seu séquito. Depois, do fosso da orquestra, saem três homens embuçados e sobem pela rampa da D.

QUADRO I

- 1.º HOMEM. — *(Que parece ser o chefe)* É aqui. Ficarão aqui de guarda. Se aparecer alguém, uma apitadela. *(Entrega o apito)* Uma apitadela bem forte. Entendeste, ó mal encarado?
- 2.º HOMEM. — Eu sim, senhor...
- 1.º HOMEM. — E tu?
- 3.º HOMEM. — Eu cá me arranjarei.
- 1.º HOMEM. — Muito bem. Aquele que nós sabemos quem é, recompensa este género de serviços mais generosamente do que quaisquer outros. Entenderam?
- 2.º e 3.º HOMENS. — Sim, senhor.

- 1.º **HOMEM.** — As coisas correrão como de costume. Primeiro é preciso filar, bem filado, o viandante. E depois, aquele... aquele... que...
- 3.º **HOMEM.** — (*Rápido*) Aquele que nós sabemos quem é...
- 1.º **HOMEM.** — Esse mesmo. Quer assistir à surra.
- 2.º **HOMEM.** — Apanhará, mesmo que seja inocente?
- 3.º **HOMEM.** — É o costume...
- 1.º **HOMEM.** — Ninguém está inocente. Ninguém deixou de cometer os pecados suficientes para justificar uma surra que se lhe dê!
- 2.º **HOMEM.** — Compreendido!... Pode ir descansado.
- 1.º **HOMEM.** — Muito bem. Agora vou ter com...
- 3.º **HOMEM.** — Com aquele que nós sabemos quem é...
- 1.º **HOMEM.** — Com esse mesmo. E alerta, hem?!
- 3.º **HOMEM.** — Alerta e olho vivo. (*1.º Homem sai para a E.*) Alerta e olho vivo... Isto podia ser o princípio duma cantiga. (*Canta*)
- 2.º **HOMEM.** — Caluda! Não espantes a caça.
- 3.º **HOMEM.** — Bonita caça, não há dúvida... A esta hora aquele que nós sabemos quem é está lá em cima na cabana a preparar-se para a função, bebendo do fino e rilhando a boa perna de galinha; enquanto que a nós, aqui no descampado, é o frio que nos gela os ossos e a larica que nos roi as tripas...
- 2.º **HOMEM.** — Está um frio...
- 3.º **HOMEM.** — Podia ao menos dar-nos um copo e... não direi uma perna nem uma asa, que são para ele as partes boas, mas ao menos o pescoço do animal, dizendo: «Eh, rapazes, tomai, que é para aquecer a função».
- 2.º **HOMEM.** — Não percebo aquele gosto de malhar nos desgraçados...

- 3.º HOMEM. — Goza vendo as expressões de sofrimento. E por vezes também lhes chega...
- 2.º HOMEM. — Sim, com a mãozinha tolhida, que não tem mais do que a força de levar à boca a paparoca.
- 3.º HOMEM. — Às vezes sinto cá dentro umas ganas de dizer: «Não vou!»
- 2.º HOMEM. — Mas acabas sempre por vir...
- 3.º HOMEM. — Pois se ele é o Rei...
- 2.º HOMEM. — Está calado, não se diz aqui essa palavra! Tudo é secreto!
- 3.º HOMEM. — Como se alguém em todo o Portugal ignorasse que Sua Majestade El-Rei se diverte em tais noitadas!
- 2.º HOMEM. — Pschiu... que te podem ouvir...
- 3.º HOMEM. — *(Pausa)* Que lindo Rei tem o povo!
- 2.º HOMEM. — És burro! Não vês que se te ouvem vais parar às masmorras?
- 3.º HOMEM. — Estas pauladas que desperdiçamos, se ele fosse Rei de verdade, aproveitava-as para aplicar nos castelhanos, quando chegasse a ocasião.

(Da E., surge D. Afonso VI. Roi uma perna de galinha. Vêm com ele alguns acompanhantes com um archote.)

- 2.º HOMEM. — Ai vem o...
- 3.º HOMEM. — Aquele que nós sabemos quem é...
- D. AFONSO. — Ninguém?
- 3.º HOMEM. — Por enquanto, ninguém, senhor...
- D. AFONSO. — *(Para o 1.º Homem)* Por que razão escolheste este lugar, se aqui nada se caça?
- 1.º HOMEM. — É passagem obrigatória de quem venha do Norte do Reino para Lisboa.
- D. AFONSO. — Estes homens são de confiança?

- 1.º **HOMEM.** — Fortes como touros, espertos como ratos.
- D. AFONSO.** — E são-me fiéis?
- 1.º **HOMEM.** — Como cães! Estes mesmos há três semanas filaram aquele estrangeiro...
- D. AFONSO.** — Ah! Ah! Foram estes, hem? A melhor caça que já apanhei. Muito me ri, hem? Ah! Ah! Então não se lembram? Não se lembram?
- 3.º **HOMEM.** — Lembramo-nos muito bem.
- D. AFONSO.** — E não acham piada só de se lembrarem?
- 3.º **HOMEM.** — Muita!
- 1.º **HOMEM.** — Achamos todos muita piada.
- D. AFONSO.** — Então porque é que não se riem, ein? Porque não se riem? (*Riem todos*)
- 1.º **HOMEM.** — Senhor, não é prudente estardes aqui na passagem. Será preferível esperar no alto daquele cômodo.
- D. AFONSO.** — Vamos. Vamos! (*Atira ao chão a perna já rilhada. Imediatamente um dos acompanhantes destapa uma terrina de prata donde D. Afonso tira outra perna de galinha*) Os homens estão colocados nos seus lugares?
- 1.º **HOMEM.** — Vários grupos aguardam em boas posições. Estes dois ficam aqui à beira do caminho para dar o sinal.
- D. AFONSO.** — Tenho confiança em ti.
- 1.º **HOMEM.** — Graças, senhor. Vamos!
- D. AFONSO.** — Vamos... (*Saem para a D.*)
- 2.º **HOMEM.** — Aquele que nós sabemos quem é será o que quiserem... Mas na sua presença um desgraçado como nós sente-se minguaado... com uma impressão!... Não sentiste?

(Apanha o osso que D. Afonso deitara fora. Vai a rilhá-lho. Repugna-lhe e atira-o fora.)

3.º **HOMEM.** — Senti, senti que, mais dia menos dia, com este homem à frente, Portugal irá parar outra vez à dominação de Castela... A não ser que o irmão D. Pedro se resolva a dar no traseiro do mano aquele pontapé...

2.º **HOMEM.** — *(Ouvindo um ruído da E.)* Alto! Vem aí alguém...

3.º **HOMEM.** — Vamos... *(Entra FRANCISCO DE MENDONÇA da E. 2.º e 3.º Homens avançam e dirigem-se-lhe em lamúria)* Meu fidalgo, piedade! Piedade destes pobres soldados a quem o tesouro deve um ano de vencimentos e não tem com que matar a fome...

FRANCISCO. — Que pouca vergonha! Nem sequer à tropa o governo paga?

(O 3.º homem assobia. Sobre o assobio cresce música, muito ritmada, que acompanhará a cena que se segue. Da D. e da E. entram vários embuçados que crescem sobre Francisco. Este tira a espada e esgrime. O combate deve parecer uma dança. A luta é nitidamente desigual até que, também da E., surge LUIS DE MENEZES. Desembainha a espada e dá um grito, como a chamá-los à luta. O grupo dos embuçados divide-se e é posto em fuga. Os dois rapazes embainhando as espadas, correm um para o outro e encontram-se a meio da cena. Estão ofegantes.)

FRANCISCO. — *(Ofegante)* Muito obrigado, senhor...

LUIS. — *(Ofegante)* Luís de Menezes Alcoforado.

FRANCISCO. — Francisco de Mendonça. Muita honra em conhecê-lo. Parabéns pela coragem. Muito obrigado.

LUIS. — Se houvesse tempo, diria que não tem nada que agradecer e que o senhor é que se bateu com valentia. Mas não há tempo para salamaleques. Embora o senhor seja pelo menos fidalgo como eu, o bom senso recomenda que fuçamos. E depressa! Esta emboscada não foi iniciativa destes rufiões! tempo para rodeios, digo-lhe só isto: *(em segredo)* Nesta emboscada anda a marca de El-Rei.

Foi inspirada por alguém que... Enfim, como não há FRANCISCO. — El-Rei!?

LUIS. — Sim.

FRANCISCO. — Com que fim a teria preparado?

LUIS. — Para gozo próprio.

FRANCISCO. — Impossível!

LUIS. — Fuçamos! *(Vão encaminhar-se para a D., donde crescem ruídos.)* Por aqui por este barranco! Depressa, eles aí vêm.

(Saltam para o fosso da orquestra. Da D., entra o 1.º Homem com alguns embuçados. 1.º Homem assobia. Música. Entram os que tinham fugido.)

1.º HOMEM. — Onde estão?

3.º HOMEM. — Fugiram.

1.º HOMEM. — Mas houve luta. Eu ouvi o tinir das espadas. Como puderam dois homens apenas levar-vos de vencida? Ah! Cambada! Súcia de poltrões! Cobardes! Cobardes!

(Entra D. Afonso, furioso, devorando uma perna de galinha.)

D. AFONSO. — Então? Então? Hem?

1.º HOMEM. — Deixaram-nos fugir, Senhor.

D. AFONSO. — Bandidos, canalhas, cobardes! Sabem o que eu devia fazer, sabem?! *(Com a mão tolhida dá uma bofetada num deles que fica imperturbável)* Estragaram-me a noite... Estragaram-me a noite! *(Atira ao chão a perna de galinha. Para o 3.º Homem)* Poltrão! Poltrão! *(Dá-lhe cotoveladas)* Metam-no numa masmorra! Numa masmorra! *(Para o 1.º Homem)* Ouviste?

1.º HOMEM. — Muito bem!

3.º HOMEM. — *(Dramático, de joelhos)* Misericórdia, senhor! Misericórdia! Sou o vosso servo mais fiel... O que se passou aqui, senhor... Ah! Senhor! Neste mundo só desejo servir-vos! Se Vossa Majestade, por exemplo, não tivesse nenhuma perna de galinha, para satisfazer o vosso apetite, só desejaria ser galinha, ou até mesmo capão. Mas o que se passou aqui, Senhor... era capaz de aterrar uma alma pronta a entrar nos céus. Aquilo foi obra do diabo! Os meus companheiros que o digam... Quando já estávamos preparados para filarmos os dois patifes, eles desapareceram da nossa vista, com grande estrondo. E foi então que fugimos, senhor. Não é verdade, companheiros?

TODOS. — É verdade!

D. AFONSO. — Sim... pareceu-me ouvir um estrondo.

3.º HOMEM. — Um estrondo e um clarão...

D. AFONSO. — E um clarão, eu também vi um clarão.

3.º HOMEM. — O clarão do inferno, o estrondo do diabo!

D. AFONSO. — *(Com medo)* Depressa, a minha capa. Este lugar é amaldiçoado. *(Oferecem-lhe outra terrina, põem-lhe a capa)* Até o diabo se mete na minha